

## Vitimação em contexto escolar: Frequência e as múltiplas formas

Paulo Costa<sup>1 3</sup> Beatriz Pereira<sup>13</sup> Hugo Simões<sup>3</sup> Rosana Farenzena<sup>23</sup>

<sup>1</sup>Instituto de Educação - Universidade do Minho - Portugal

<sup>2</sup>Universidade de Passo Fundo – Brasil

<sup>3</sup>CIEC – Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC)

paulocosta@ie.uminho.pt

### Resumo

A violência escolar (*bullying*) não constitui nenhum problema novo, no entanto, ainda se sabe muito pouco sobre a real prevalência e a sua evolução (Olweus, 1993). Com o intuito de conhecer melhor o fenómeno, protagoniza-se o desenvolvimento de um estudo minucioso sobre as múltiplas formas de vitimação entre pares no contexto dos sétimos anos do Ensino Básico.

O presente estudo pretende descrever e analisar a prevalência das múltiplas formas de vitimação ocorridos entre pares, utilizando uma amostra de 360 alunos do 7º ano do Ensino Básico, 168 (46,7%) do género feminino e 192 (53,3%) do masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, sendo a média de idades de 12,36 com desvio padrão de 0,773. O inquérito foi aplicado durante o mês de Dezembro de 2010, em três Agrupamentos de escolas dos concelhos de Braga e Vila Nova de Famalicão.

Caracterizou-se a frequência das múltiplas formas de vitimação com base na aplicação de uma versão digital adaptada (Costa & Pereira, 2010) do questionário de auto-relato (Olweus, 1989; Pereira, 2008), sobre o *bullying* no contexto escolar, tendo-se seleccionado para o efeito as percentagens somadas resultantes das acções de natureza física, verbal, relacional e de carácter sexual.

Relativamente à frequência e às múltiplas formas das situações de comportamentos de vitimação, observa-se que em termos globais o género feminino apresenta maior envolvimento comparativamente ao masculino. Quando a análise recai sobre a frequência intermédia, o género feminino apresenta valores relativos superiores ao masculino, durante o 1º período lectivo escolar (Setembro a Dezembro).

As formas ou tipos de vitimação mais frequente ao nível do género apresentaram uma tendência semelhante aos resultados globais da população em estudo, destacando-se para ambos os géneros, as situações de vitimação verbal, constituindo a forma mais frequente para o feminino «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos» e para o masculino «Chamaram-me nomes ou gozaram-me de forma desagradável».

Conhecer o fenómeno em profundidade, e numa perspectiva contextualizada, é uma necessidade de primeira ordem aos agentes educacionais, para evitar, quer seja a banalização ou, a sobre valorização de comportamentos agressivos entre pares no território escolar

Palavras-chave: *bullying*; Crianças; Vitimação; Frequência; Múltiplas formas.

## Introdução

Investigadores em todo o mundo têm direcionado seus estudos para o fenómeno da violência escolar (*bullying*), que assume proporções preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias muito baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade (Olweus, 1993).

A vitimação de forma continuada e intencional parece comprometer o bem-estar das crianças, afectando negativamente o seu desenvolvimento global (Pereira, Mendonça, Neto, Valente, & Smith, 2004). O prolongamento no tempo da prática de *bullying* pode causar sérios problemas às vítimas, tais como, ansiedade, baixa auto-estima, medo, tensão, baixo desempenho escolar e comportamentos desviantes (Neto, 2005). Diferenciando-se de manifestações isoladas de violência entre pares, o *bullying* ocorre quando comportamentos agressivos e de intimidação (Pereira, 2008) se manifestam de forma repetida durante semanas, meses ou anos, com intenção de magoar outros, que por si só não se conseguem defender e com o usufruto da assimetria de poderes (Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994; Solberg & Olweus, 2003). Pode ser conduzido por um indivíduo ou por um grupo e o alvo pode também ser um indivíduo ou um grupo.

Estudos revelam que o *bullying* ocorre principalmente nos anos escolares iniciais e que o tipo de agressão usada varia com a idade e com o género (Almeida, Silva, & Campos, 2008; Neto, 2005; Pereira, et al., 2004). Entre alunos portugueses, um estudo (Carvalhosa, 2010), envolvendo crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, revelou que 23,5% estão envolvidos em comportamentos de *bullying* duas a três vezes por mês ou mais, ou seja, um em quatro alunos. Estes episódios de *bullying* são recorrentes e quando ocorrem por longos períodos de tempo, conferem uma diminuição significativa da capacidade das vítimas encontrarem respostas adequadas (Skrzypiec, Slee, Murray-Harvey, & Pereira, 2011). Os episódios de vitimação tendem a diminuir ao longo da escolaridade, atingindo uma maior prevalência em alunos com idades compreendidas entre os 9 e 12 anos (Kochenderfer-Ladd & Pelletier, 2008; Olweus, 1997; Sapouna, 2008; Scheithauer, Hayer, Petermann, & Juger, 2006). Em Portugal, estes comportamentos parecem atingir o seu auge aos 13 anos, embora os mais novos (11 anos) se envolvam mais, enquanto vítimas (Carvalhosa, 2010).

Estima-se que 4% a 16% de crianças em idade escolar estejam incluídas no grupo de alunos vitimizados (Janauskeine, Kardelis, Sukys, & Kardeliene, 2008; Kochenderfer-Ladd & Wardrop, 2001; Olweus, 1997; Roland & Galloway, 2004; Sapouna, 2008; Scheithauer, et al., 2006; Viljoen, O'Neill, & Sidhu, 2005), sendo que um em cinco rapazes e uma em sete raparigas são vitimizados uma vez por semana ou mais (Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002; Olweus, 1993; Pereira, 2008; Pereira, et al., 2004; Slee & Ford, 1999).

O *bullying* manifesta-se de forma, directa e/ou indirecta, ou ainda, através do recurso às tecnologias da informação e comunicação, designado por *cyberbullying*. Apresenta uma maior frequência nas escolas através da vitimação física, vitimação verbal e vitimação relacional (Bjorkqvist, Lagerspetz, & Kaukiainen, 1992; Ladd & Kochenderfer-Ladd, 2002). Consequentemente, a problemática *bullying* remete para uma disfunção psicossocial, referida em diversos estudos e, as suas variações estão associadas a factores como frequência, duração e forma, bem como a capacidade da criança em lidar com estas experiencias (Skrzypiec, et al., 2011).

Todas as formas de vitimação podem ser prejudiciais para a criança, quer para si quer para o grupo a que ela está agregada (Craig, Pepler, & Blais, 2007), no entanto, a forma comumente evidenciada nos estudos como sendo a mais frequente é o “chamar nomes”. Quando esta situação ocorre, alguns autores sugerem que não deverá ser ignorada ou desvalorizada (Hoover, Oliver, & Hazier, 1992; Skrzypiec, et al., 2011). Os mesmos autores constataram que, com o avançar da idade da criança, o *bullying* verbal tem tendência para aumentar enquanto o *bullying* físico a diminuir. Esta dinâmica comportamental resulta do aumento da capacidade das crianças em verbalizar as suas emoções, não havendo por isso necessidade de utilizar formas de vitimação físicas. Conclui-se por isso que, com a idade e a experiências adquiridas ao longo do crescimento, a criança começa a adquirir percepções muito mais precisas das consequências da vitimação física, optando conscientemente por outras formas de vitimação com menor grau de exposição social, como a vitimação verbal (Kim, Kamphaus, Orpinas, & Kelder, 2010; Skrzypiec, et al., 2011).

Quanto ao género, tanto os rapazes quanto as raparigas tendem a manifestar muito pouca ou nenhuma diferença entre si, nas diferentes formas de agressão/vitimação (Sapouna, 2008; Scheithauer, et al., 2006; Viljoen, et al., 2005). Nos rapazes estão associados com maior frequência episódios de natureza física (Pereira, 2008; Skrzypiec, et al., 2011; Stockdale, Hangaduambo, Duys, Larson, & Sarvela, 2002), enquanto, nas raparigas são mais frequentes acções indirectas e/ou relacionais, constituindo a intimidação verbal uma prevalência comum ao nível de ambos os géneros (Bradshaw, O’Brennan, & Sawyer, 2008; Craig, et al., 2007; Skrzypiec, et al., 2011; Smith, 2002). As raparigas, por sua vez, apresentam uma maior vitimização ao nível do *bullying* verbal, social e através da internet do que os rapazes (Craig, et al., 2007).

Em Portugal, são os alunos de género masculino que se envolvem mais em comportamentos de *bullying* na escola, como agressores, vítimas ou ainda com o duplo envolvimento - vítimas agressivas (Costa & Pereira, 2010). Relativamente ao tipo de papel desempenhado, verifica-se entre os agressores um predomínio do género masculino, enquanto no papel de vítima não há diferenças entre géneros. O facto do género masculino se envolver mais frequentemente em actos de *bullying*, não indica de todo que sejam mais agressivos, mas sim, que têm maior possibilidade de adoptar esse tipo de comportamento. No género feminino, a selecção das acções para agredir de forma intencional é mais subtil, fazendo com que seja difícil a

tarefa da identificação do fenómeno, nomeadamente quando utilizam mecanismos agressivos de carácter psicológico e/ou exclusão social (Ravens-Sieberer, Kökönyei, & Thomas, 2004).

Investigações realizadas referem que os jovens vítimas de *bullying* não vêem a escola como uma solução para as suas vidas, não a consideram como investimento para o seu futuro (Matos & Gonçalves, 2009). Dadas as repercussões negativas no desenvolvimento infantil, é imperativo que a escola intervenha, fazendo valer suas funções de formação e de educação, a fim de prevenir e de reduzir o *bullying* escolar. Assim, os programas deverão ir ao encontro da proposta inicial de Olweus (1993), envolvendo toda a comunidade educativa (alunos, professores, funcionários, pais e demais integrantes da rede social/comunitária de inserção escolar). Esta perspectiva sistémica ou global, na explicação do fenómeno ou no processo de intervenção, indica o anacronismo de um enfoque individualista ou reducionista (Olweus, 1993; Pereira, 2008).

Grande parte dos estudos realizados em Portugal, caracterizam-se pela identificação dos intervenientes e dos níveis de incidência dos comportamentos de *bullying*, no entanto, identificamos uma lacuna relativamente ao conhecimento do impacto das múltiplas formas de agressão/vitimação sobre os envolvidos. Consequentemente, o presente estudo delinea-se com o objectivo de descrever e analisar a frequência e as múltiplas formas de agressão/vitimação ocorridos entre pares ao nível do género.

## Metodologia

### Caracterização da amostra

O presente estudo contou com a participação de três Agrupamentos de escolas públicas (dependentes do Ministério da Educação) do Ensino Básico, dos concelhos de Braga e Vila Nova de Famalicão, do Norte de Portugal. A amostra deste estudo foi constituída por 360 alunos do 7ºano, verificando-se um predomínio do sexo masculino (53,3%) comparativamente ao feminino (46,7%) e com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, sendo a média de idades de 12,00 com desvio padrão de 0,773.

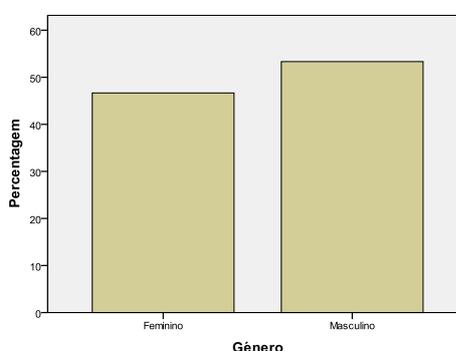


Figura 1- Distribuição da amostra por género

## **Instrumento de recolha de dados**

Procedeu-se à recolha dos dados mediante a aplicação de uma versão digital (<https://www.surveymonkey.com/s/JM95WR9>) adaptada do questionário de auto-relato «*bullying* – a agressividade entre crianças no espaço escolar» de Olweus (1989), adaptado à população portuguesa por Pereira (1997).

O instrumento está organizado em quatro secções, sendo a primeira sobre os dados sócio económicos, a segunda à identificação de comportamentos de vitimação, a terceira de agressão e a quarta relativa às percepções sobre o clima escolar (espaços, relações, segurança, entre outros).

A utilização deste questionário permitiu identificar e caracterizar a frequência e as múltiplas formas de vitimação (física, verbal, relacional, sexual e *cyberbullying*), bem como tipificá-las por género.

## **Procedimentos**

A recolha de dados foi realizada no final do primeiro período escolar em Dezembro de 2010. Os alunos responderam ao questionário durante o período normal de aula. O instrumento foi administrado pelos professores, que receberam orientação prévia sobre os procedimentos de aplicação. Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos foram submetidos a processamento electrónico, usando-se o software *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Windows* (versão 18).

Considerando o facto de a faixa etária que pretendemos investigar se situar entre os 11 e 16 anos, tivemos em atenção as recomendações metodológicas em estudos com crianças. Consequentemente, atendemos às exigências ditadas pelos códigos de princípios éticos, tendo em atenção a salvaguarda dos direitos dos participantes à privacidade ou à não participação, ao anonimato e à respectiva confidencialidade.

Tendo em conta os 17 comportamentos ou situações de vitimação constantes no instrumento utilizado neste estudo e a sua natureza, apresentamos, a seguir, a categorização para análise das múltiplas formas de vitimação/agressão (ver Tabela 1), de acordo com os estudos desenvolvidos por alguns dos autores já citados.

Esta categorização foi delineada de forma a ressaltar algumas características peculiares dos comportamentos em questão, de modo a podermos mais facilmente determinar o cariz da vitimação envolvida. Esta organização dos comportamentos de vitimação não se sobrepõe à matriz de natureza psíquica e social, presente nas partes e no todo do fenómeno.

Com o objectivo de melhor definir a especificidade ou natureza da vitimação, consideramos as seguintes características:

- Vitimação física – estado associado ao acto de cariz agressivo com impacto corporal.
- Vitimação sexual – estado associado ao comportamento invasivo (físico e/ou verbal) com um cariz sexual.
- Vitimação relacional – estado associado ao comportamento inter-pessoal (directo ou indirecto) de coacção e/ou de exclusão.
- Vitimação verbal – estado associado ao comportamento verbal abusivo e difamatório.
- Vitimação cyber – estado associado ao comportamento ofensivo e intimidatório com recurso às tecnologias de informação e comunicação.

Tabela 1 – Categorização dos comportamentos de vitimação

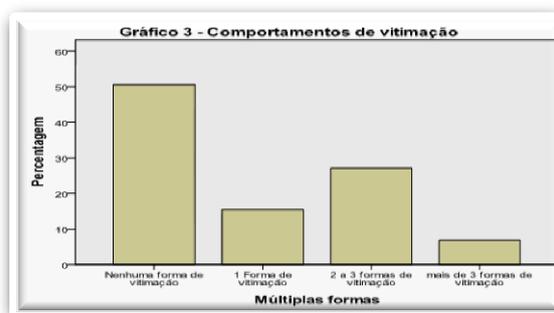
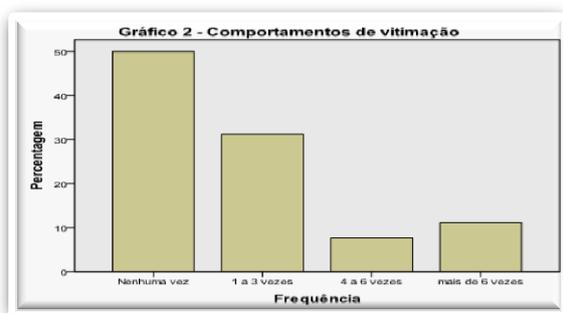
Forma	Situações de vitimação	Código
Vitimação Física	Bateram-me, deram-me murros ou pontapés	V 1
	Tiraram-me coisas	V2
	Estragaram-me coisas (Material escolar, roupa, etc.)	V3
	Ameaçaram-me com armas (facas, bastões...)	V4
Vitimação Sexual	Tocaram em partes (intimas) do meu corpo deixando-me triste e desconfortável	V5
	Fizeram-me gestos obscenos para me magoar	V6
	Insultaram-me com nomes ou frases de natureza sexual	V7
Vitimação Relacional	Deixaram-me só porque não queriam brincar comigo	V8
	Não me falaram para me magoar	V9
	Impediram-me de participar nas actividades dos meus colegas	V10
	Obrigaram-me a dar-lhes dinheiro	V11
	Ameaçaram-me ou meteram-me medo	V12
Vitimação Verbal	Chamaram-me nomes ou gozaram-me de forma desagradável	V13
	Insultaram-me pela minha cor ou raça	V14
	Andaram a falar mal de mim e disseram segredos	V15
Vitimação Cyber	Ameaçaram-me através do telemóvel ou internet	V16
	Espalharam mensagens via telemóvel ou internet para me fazer mal	V17

## Apresentação dos resultados

### Frequência e múltiplas formas de vitimação em contexto escolar

Os dados relativos à frequência e às múltiplas formas de vitimação resultam do somatório das percepções dos inquiridos relativamente aos 17 comportamentos (Tabela 1). Como se pode observar pelas figuras 2 e 3, aproximadamente metade da população em estudo foi vítima de situações de agressão entre pares.

Em termos de frequência regista-se que 31,1% foram vítimas (1 a 3 vezes) e 18,8% (4 ou mais vezes) no primeiro período escolar (3 meses). Tendo por referência as múltiplas formas de vitimação observa-se que 34% dos inquiridos foram vítimas de 2 ou mais formas diferentes de agressão.



Tendo por referência a frequência e as múltiplas formas das situações de comportamentos de vitimação, observa-se que em termos globais o género feminino (50,9%) apresenta maior envolvimento comparativamente ao masculino (49,2%). Quando a análise recai sobre a frequência intermédia (1 a 3 vezes e 4 a 6 vezes), o género feminino apresenta valores relativos superiores ao masculino.

Tabela 2 – Frequência e o género

(n total=350)	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
Vitimação				
Nenhuma vez	81	49,1	94	50,8
1 a 3 vezes	55	33,3	54	29,2
4 a 6 vezes	13	7,9	14	7,6
Mais de 6 vezes	16	9,7	23	12,4
Total	165	100	185	100

Tabela 3 – Múltiplas formas e o género

(n total=350)	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
Vitimação				
Nenhuma forma	81	49,1	94	50,8
1 forma	30	18,2	26	14,1
2 a 3 formas	45	27,3	50	27,0
Mais de 3 formas	9	5,5	15	8,1
Total	165	100	185	100

A tabela 4 apresenta as frequências para cada uma das percepções relativas aos 17 comportamentos de vitimação (ver Tabela 1), tendo-se seleccionado as percentagens relativas às alternativas de resposta «nenhuma vez», «1 ou 2 vezes», «3 ou mais vezes». As situações de vitimação mais frequentes no presente

estudo foram «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos» (28,3%); «Chamaram-me nomes feios ou gozaram-me de forma desagradável» (24,9%), «Bateram-me, deram-me murros ou pontapés» (12,3%), «Estragaram-me coisas» (11,1%) e «Tiraram-me coisas» (10,6%).

Relativamente ao género verifica-se uma tendência semelhante aos resultados globais, constituindo «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos» (37,6%) a situação de vitimação mais frequente, enquanto para o masculino é «Chamaram-me nomes ou gozaram-me de forma desagradável» (26,5%).

No que se refere ao grau de associação entre o género e as situações de vitimação, pode confirmar-se a existência de relação de associação, com significado estatístico em «Bateram-me, deram-me murros ou pontapés» ( $\chi^2 = .002$ ;  $p \leq 0,01$ ), «Fizeram-me gestos obscenos para me magoar» ( $\chi^2 = .009$ ;  $p \leq 0,01$ ) e «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos» ( $\chi^2 = .001$ ;  $p \leq 0,001$ ).

Tabela 4 – Frequência de vitimação e o género

Nº de vezes	Feminino (n=165)						Masculino (n=185)						Sig
	Nenhuma		1 ou 2		3 ou mais		Nenhuma		1 ou 2		3 ou mais		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
V 1-Física	155	93,9	10	6,1	0	0,0	152	82,2	27	14,6	6	3,2	.002**
V 2 - Física	146	88,5	18	10,9	1	0,6	167	90,3	13	7,0	5	2,7	ns
V 3 - Física	150	90,9	15	9,1	0	0,0	161	87,0	22	11,9	2	0,6	ns
V 4 - Física	165	100,0	0	0,0	0	0,0	182	98,4	3	1,6	0	0,0	ns
V 5 - Sexual	154	93,3	8	4,8	3	1,8	180	97,3	5	2,7	0	0,0	ns
V 6 - Sexual	157	95,2	6	3,6	2	1,2	158	85,4	22	11,9	5	2,7	.009**
V 7 - Sexual	155	93,9	8	4,8	2	1,2	176	95,1	6	1,7	3	1,6	ns
V 8 - Relacional	149	90,3	13	7,9	3	1,8	172	93,0	9	4,9	4	2,2	ns
V 9 - Relacional	159	96,4	4	2,4	2	1,2	171	92,4	11	5,9	3	1,6	ns
V 10 - Relacional	162	98,2	3	1,8	0	0,0	173	93,5	10	5,4	2	1,1	ns
V 11 - Relacional	165	100,0	0	0,0	0	0,0	183	98,2	2	1,1	0	0,0	ns
V 12 - Relacional	149	90,3	13	7,9	3	1,8	159	85,9	20	10,8	6	3,2	ns
V 13 - Verbal	127	77,0	29	17,6	9	5,5	136	73,5	35	18,9	14	7,6	ns
V 14 - Verbal	163	98,8	2	0,6	0	0,0	181	97,8	3	0,9	1	0,5	ns
V 15 - Verbal	103	62,4	52	31,5	10	6,1	148	80,0	27	14,6	10	5,7	.001***
V 16 - Verbal	158	95,8	7	4,2	0	0,0	178	96,2	5	2,7	2	0,6	ns
V 17 - Cyber	164	99,4	1	0,6	0	0,0	182	98,4	3	1,6	0	0,0	ns

\* $p \leq 0,05$  \*\* $p \leq 0,01$  \*\*\* $p \leq 0,001$

Para o registo das frequências e das múltiplas formas de vitimação, por género, organizamos os dados obtidos em 5 categorias de vitimação, nomeadamente, física, verbal, relacional, sexual e cyber. Relativamente à distribuição das frequências e das múltiplas formas de vitimação, em termos globais por categoria, verifica-se

que 38% dos inquiridos foram vítimas de comportamentos de natureza verbal, 24% física, 21,1% relacional, 16% sexual e 4,6% cyber (Tabela 5).

Na relação da frequência e o género, constata-se que o feminino apresenta maior prevalência comparativamente ao masculino, na vitimação verbal (42,4% fem. e 34% masc. ) e cyber (4,8% fem. e 4,3% masc.). Por sua vez, o género masculino apresenta valores relativos superiores ao feminino, nas categorias de natureza física (28,6% masc. e 18,8% fem.), relacional (23,3% masc. e 18,7% fem.) e sexual (18,9% masc. e 12,7% fem.). Tendo por referência a frequência de vitimação (3 ou mais vezes) e o género, constata-se uma distribuição semelhante da ordem sequencial das categorias em termos globais, com excepção das categorias de natureza física (3ª no género masculino e 4ª no feminino) e sexual (3ª no feminino e 4ª no masculino). Relativamente à vitimação por via das tecnologias de informação e comunicação (cyber) em ambos os géneros surge com a menor prevalência comparativamente às restantes (Tabela 5).

Tabela 5 – Frequência e o género

		Física			Relacional			Sexual			Verbal			Cyber		
		Nenhuma vez	1 a 2 vezes	3 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 2 vezes	3 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 2 vezes	3 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 2 vezes	3 ou mais vezes	Nenhuma vez	1 a 2 vezes	3 ou mais vezes
(n=350)	n	134	28	3	134	23	8	144	17	4	95	57	13	157	8	0
	%	81,2	17,0	1,8	81,2	13,9	4,8	87,3	10,3	2,4	57,6	<b>34,5</b>	<b>7,9</b>	95,2	<b>4,8</b>	0,0
Feminino (n=165)	n	134	28	3	134	23	8	144	17	4	95	57	13	157	8	0
	%	81,2	17,0	1,8	81,2	13,9	4,8	87,3	10,3	2,4	57,6	<b>34,5</b>	<b>7,9</b>	95,2	<b>4,8</b>	0,0
Masculino (n=185)	n	132	45	8	142	29	14	150	29	6	122	45	18	177	6	<b>2</b>
	%	71,4	<b>24,3</b>	<b>4,3</b>	76,8	<b>15,7</b>	<b>7,6</b>	81,1	<b>15,7</b>	<b>3,2</b>	65,9	24,3	9,7	95,7	3,2	1,1

Observa-se através da Tabela 6, que nas múltiplas formas de vitimação (1 forma e 2 a 3 formas) o género masculino apresenta maiores valores relativos na categoria física, relacional e sexual, enquanto o feminino apresenta na categoria verbal e cyber. Acrescente-se que todas as categorias em questão, quer para a análise das frequências, quer das múltiplas formas, o género masculino apresenta valores relativos superiores ao feminino, com excepção na vitimação verbal e cyber (1 a 2 vezes/ 1 forma e 2 a 3 formas).

Tabela 6 – Frequência/Múltiplas formas de vitimação e o género

Feminino (n= 165)			Masculino (n= 185)		
Vitimação	Nº formas envolvidas	%	Vitimação	Nº formas envolvidas	%
Verbal	1	23,0	Verbal	1	20,0
Verbal	2 a 3	19,4	Física	1	18,9
Relacional	1	12,7	Sexual	1	14,1
Física	1	11,5	Relacional	1	13,0
Sexual	1	9,1	Verbal	2 a 3	13,0
Física	2 a 3	7,3	Relacional	2 a 3	9,7
Relacional	2 a 3	5,5	Física	2 a 3	9,2
Cyber	1	3,6	Sexual	2 a 3	4,9
Sexual	2 a 3	3,6	Cyber	1	3,3
Cyber	2 a 3	1,2	Cyber	2 a 3	1,1
Relacional	+ de 3	0,6	Verbal	+ de 3	1,1
Física	+ de 3	0%	Física	+ de 3	0,5
Sexual	+ de 3	0%	Relacional	+ de 3	0,5
Verbal	+ de 3	0%	Sexual	+ de 3	0%

## Discussão dos resultados

Tendo em conta a difícil fronteira entre a brincadeira e o comportamento que tem por objectivo de prejudicar ou magoar o outro de forma intencional, consideramos a frequência e as múltiplas formas de vitimação, importantes factores a ter em conta na compreensão do fenómeno da violência escolar e, de forma particular do *bullying*.

Neste sentido, a frequência é um indicador que permite discernir os episódios esporádicos de violência escolar das acções de carácter persistente de vitimação, prática que configura o *bullying* escolar e pode ocorrer por múltiplas formas.

Concomitantemente, a investigação revela que quanto maior for o número de formas envolvidas na vitimação de uma criança, menor é a capacidade da mesma encontrar respostas adequadas de resolução dos conflitos, com especial relevo para o género feminino (Kochenderfer-Ladd & Wardrop, 2001; Kochenderfer - Ladd & Ladd, 2001; Skrzypiec, et al., 2011). O medo de poder vir a sofrer retaliações por parte dos agressores e sentir vergonha da situação gerada entre os seus pares, pode igualmente condicionar a capacidade de resposta das crianças (Bijttebier & Vertommen, 1998; Naylor & Cowie, 1999; Naylor, Cowie, & del Rey, 2001; Olweus, 1993). Essa capacidade para mobilizar recursos internos de afirmação positiva frente as adversidades

do contexto, assim como o seu contrário, relacionado ao medo das retaliações constitui importante área de investigação, relacionada ao desenvolvimento e ao bem-estar da criança (Slee, 1997).

A investigação aqui abordada, permitiu avançar para além dos pressupostos do senso comum, ao precisar e detalhar os elementos de frequência e as múltiplas formas de vitimação. Entretanto, os dados não encerram-se em si mesmos e, permitem uma compreensão ampliada, do todo e das particularidades, do modelo predominante de coexistência da população estudada.

Quando aproximadamente metade dos estudantes inquiridos situa-se como vítima de agressões, ao longo do primeiro período escolar (um trimestre), urge problematizar os mecanismos de intervenção educativa patrocinados pela instituição escolar, através do projecto pedagógico efectivamente implementado, pois está comprometido o processo de socialização entre pares.

Ao nível do género, os resultados do nosso estudo indicam que o feminino está mais frequentemente envolvido em situações de vitimação do que o masculino, embora com valores relativos muito próximos. Isto vem referendar estudos anteriores, desenvolvidos em contextos e faixas etárias diversificadas, que indicam haver pequena diferença entre os géneros (Sapouna, 2008; Scheithauer, et al., 2006; Viljoen, et al., 2005). Por outro lado, apontam para um dado novo e divergente de outras investigações que apontam para um maior envolvimento do género masculino comparativamente ao feminino (Martins, 2005; Olweus, 1993; Pereira, 2008).

Resulta deste estudo um indicador da intervenção educativa, ou seja, o *bullying* é um fenómeno contextual, que requer intervenções situadas na realidade do terreno. Isto pressupõe um conhecimento produzido a partir da participação activa do segmento dos estudantes. Restituir a voz a esses sujeitos do processo de ensino e aprendizagem pode ser mais que uma alternativa para mapear a dinâmica relacional vigente na escola. Passa a ser a própria via para qualificá-la, na medida em que restitui um espaço de participação e equaliza as nuances de poder no intercambio entre a geração adulta e a infância.

A forma ou tipo de vitimação mais frequente entre as crianças do nosso estudo apontam para a vitimação de natureza verbal, destacando-se, «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos» e «Chamaram-me nomes feios ou gozaram-me de forma desagradável». Seguem-se depois as situações que remetem para a vitimação física «Bateram-me, deram-me murros ou pontapés» e «Estragaram-me coisas», confirmando os resultados obtidos por outros estudos desenvolvidos com crianças (Olweus et al., 1999; Whitney & Smith, 1993). Como terceira forma mais frequente regista-se a de natureza relacional, seguida da natureza sexual e por fim a com recurso às tecnologias de informação e comunicação ou ainda cyber.

Estes resultados suscitam um questionamento ao sistema de conceitos partilhado e disseminado no ambiente escolar que, de forma unilateral e a revelia dos sujeitos da aprendizagem, categorizam e hierarquizam os comportamentos em sua relevância ou gravidade. Desta forma, não raro, manifestações agressivas são naturalizadas e incorporadas como rotinas nas relações entre pares, quando não intergeracionais.

O estudo que efectuámos revelou que as formas ou tipos de vitimação mais frequente ao nível do género apresentam uma tendência semelhante aos resultados globais da população em estudo, destacando-se para ambos os géneros, as situações de vitimação verbal, embora tendo sido a forma mais frequente para o feminino «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos» e para o masculino «Chamaram-me nomes ou gozaram-me de forma desagradável». Acrescente-se ainda que, relativamente ao género, pode confirmar-se a existência de uma relação de associação com significado estatístico, nas situações de vitimação «Bateram-me, deram-me murros ou pontapés» e «Andaram a falar mal de mim e disseram segredos». Consequentemente, podemos inferir que ao nível do género estão associados os comportamentos de vitimação acima referidos.

Da análise relativa às diferentes formas de vitimação, constatamos que a vitimação verbal ocorre com maior frequência em ambos os géneros, quer para uma, quer para duas a três formas, confirmando os resultados de diversos estudos (Bradshaw, et al., 2008; Craig, et al., 2007; Skrzypiec, et al., 2011; Smith, 2002). Ainda ao nível do género masculino, a vitimação física constitui a segunda forma mais frequente (1 forma), em acordo com estudos que associam aos rapazes uma maior frequência de acções de natureza física (Pereira, 2008; Skrzypiec, et al., 2011; Stockdale, et al., 2002), enquanto para o feminino, predomina a de natureza relacional, em consonância aos resultados obtidos em outros estudos (Craig, et al., 2007).

Por fim, consideramos que abordar o *bullying*, um fenómeno complexo e enredado na especificidade de cada contexto escolar, só faz sentido, do ponto de vista educativo, se desvelada a problemática nas suas várias interfaces. A isto se dedicou a investigação aqui esmiuçada, permitindo o cruzamento útil com dados derivados de outras realidades.

Conhecer as crianças concretas que habitam a escola, para além de um conceito abstracto de infância é o desafio essencial que se apresenta aos educadores comprometidos com uma educação humanizada e legitimada pela reflexão da própria prática. Que o estudo realizado em consonância com esses princípios possa acrescentar valor ao projecto educativo institucional.

## Referências bibliográficas

- Almeida, K. L., Silva, A. C., & Campos, J. S. (2008). Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. *Revista Pediatria*, 9 (1), 8-16.
- Bijttebier, P., & Vertommen. (1998). Coping with peer arguments in school-age children with bully/victim problems. *The British Journal of Educational Psychology* 68 (3), 387-394.
- Bjorkqvist, K., Lagerspetz, K. M., & Kaukiainen, A. (1992). Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression. . *Aggressive Behavior*, 18(2), 117-127.
- Bradshaw, C. P., O'Brennan, L. M., & Sawyer, A. L. (2008). Examining variation in attitudes toward aggressive retaliation and perceptions of safety among bullies, victims, and bully/victims. *Professional School Counseling*, 12(1), 10-21.
- Carvalhosa, S. (2010). Prevenção da Violência e do Bullying em Contexto Escolar. *Climepsi Editores*.
- Costa, P., & Pereira, B. (2010). Actas do I Seminário Internacional "Contributos da Psicologia em Contextos Educativos". Braga: CIEd - Universidade do Minho.
- Craig, W., Pepler, D., & Blais, J. (2007). Responding to Bullying: What Works? *School Psychology International*, 28 (4), 465-477.
- Hoover, J. H., Oliver, R. L., & Hazier, R. J. (1992). Bullying: Perceptions of adolescent victims in Midwestern USA. *School Psychology International*, 13, 5-16.
- Januskeine, R., Kardelis, K., Sukys, S., & Kardeliene, L. (2008). Associations between school bullying and psychosocial factors. *Social Behavior and Personality*, 36(2), 145-162.
- Kim, S., Kamphaus, R. W., Orpinas, P., & Kelder, S. H. (2010). Change in the manifestation of overt aggression during early adolescence: Gender and ethnicity. *School Psychology International*, 31, 95-111.
- Kochenderfer-Ladd, B., & Pelletier, M. E. (2008). Teacher's views and beliefs about bullying: Influences on classroom management strategies and students' coping with peer victimization. *Journal of School Psychology*, 46, 431-453.
- Kochenderfer-Ladd, B., & Wardrop, J. (2001). Chronicity and instability of children's peer victimization experiences as predictors of loneliness and social satisfaction trajectories. *Child Development*, 72(1), 134-151.
- Kochenderfer-Ladd, B., & Ladd, G. W. (2001). Variations in Peer Victimization: Relations to Children's Maladjustment', in J. Juvonen & S. Graham (eds.) - Peer Harassment in School. London: The Guilford Press, 25-48.
- Ladd, G., & Kochenderfer-Ladd, B. (2002). Identifying victims of peer aggression from early to middle childhood: Analysis of cross-informant data for concordance, estimation of relational adjustment, prevalence of victimization, and characteristics of identified victims. *Psychological Assessment*, 14(1), 74-96.
- Martins, M. J. (2005). Agressão e Vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico *Análise Psicológica*, 4, XXIII, 401-425.
- Matos, M., & Gonçalves, S. (2009). Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, saúde & doenças*, 10 (1), 3-15.
- Naylor, P., & Cowie, H. (1999). The effectiveness of peer support systems in challenging bullying in schools: the perspectives and experiences of teachers and pupils. *Journal of Adolescence*, 22, 467-479.
- Naylor, P., Cowie, H., & del Rey, R. (2001). Coping strategies of secondary school children in response to being bullied. *Child Psychology and Psychiatry Review*, 6(3), 114-120.
- Neto, A. (2005). Bullying - aggressive behavior among students. *Jornal de Pediatria*, 81(5), S164 - S172.
- Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in study of anti-social behavior: definitions and measurement. Klein, M (Ed). *Cross - national research in self-reported crime and delinquency*. Dordrecht, The Netherlands: Kluwer, 187-201.
- Olweus, D. (1993). Bullying at school: What we know and what we can do. Cambridge, MA: Blackwell Publishers.

- Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: Facts and interventions. *European Journal of Psychology of Education, 12*(4), 495-510.
- Olweus, D., Catalano, R., Junger-Tas, J., Morita, Y., Slee, P., & Smith, P. K. (1999). *The Nature of School Bullying: A Cross-national Perspective*
- Pereira, B. (2008). Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2 ed. . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology Internacional, 25*(2), 241-254.
- Ravens-Sieberer, U., Kökönyei, G., & Thomas, C. (2004). Young people.s health in context.Health Behavior in School-aged Children (HBSC) In C. Currie, C. Roberts, A. Morgan, R. Smith, W. Settertobulte. *Health Policy for Children and Adolescents, Vol. 4*, 184-195.
- Roland, E., & Galloway, D. (2004). Professional cultures in schools with high and low rates of bullying. . *School Effectiveness and School Improvement, 15*(3-4), 241-260.
- Sapouna, M. (2008). Bullying in Greek primary and secondary schools. *School Psychology International, 29*, 199-213.
- Scheithauer, H., Hayer, T., Petermann, F., & Juger, G. (2006). Physical, verbal, and relational forms of bullying among German students: Age trends, gender differences and correlates. *Aggressive Behavior, 32*, 261-275.
- Skrzypiec, G., Slee, P., Murray-Harvey, R., & Pereira, B. (2011). School bullying by one or more ways: does it matter and how do students cope? *School Psychology International*, Prelo.
- Slee. (1997). The P.E.A.C.E. Pack: A programme for reducing bullying in our schools. *Flinders University: Adelaide*.
- Slee, & Ford. (1999). Bullying Is A Serious Issue - It Is A Crime! *Australia & New Zealand Journal of Law & Education, Vol 4*(No 1), 1327-7634, 1323-1339.
- Smith. (2002). Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In E. Debardeux & C. Blaya (Eds.), *Violência nas escolas e políticas públicas* (pp. 268). *Brasília: Edições UNESCO Brasil*.
- Smith, & Sharp. (1994). School bullying: insights and perspectives. *London; New York: Routledge*.
- Solberg, M. E., & Olweus, D. (2003). Prevalence estimation of school bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior, 29*(3).
- Stockdale, M. S., Hangaduambo, S., Duys, D., Larson, K., & Sarvela, P. D. (2002). Rural elementary students', parents', and teachers' perceptions of bullying. *American Journal of Health Behaviors, 26*(4), 266-277.
- Viljoen, J. L., O'Neill, M. L., & Sidhu, A. (2005). Bullying behaviors in female and male adolescent offenders: Prevalence, types and association with psychosocial adjustments. *Aggressive Behavior, 31*, 521-536.
- Whitney, I., & Smith, P. (1993). A Survey of the Nature and Extent of Bullying in Junior/Middle and Secondary Schools. *Educational Research, v35 n1*, 3-25.